

## **(e) FEITOS DA EMAPS: em nós, entre nós e nos outros**

*Por Izadora Praça e Camilla Castilho*

As Equipes Multiprofissionais de Atenção Psicossocial (EMAPS), de Maricá, foram criadas em um contexto de revisão sobre a proposta do atendimento ambulatorial. Enquanto dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), elas foram baseadas no modelo das AMENTS (Equipe Multiprofissional de Atenção Especializada em Saúde Mental), previsto pela Portaria nº 3588/2017 (Ministério da Saúde).

A revisão sobre o atendimento ambulatorial pretendia deslocar o trabalho especializado para o território. Foi então, a estratégia da coordenação da RAPS municipal de criar vinculação da RAPS com a Atenção Primária.

Portanto, o formato do trabalho das EMAPS foi organizado a partir do estabelecimento de quatro equipes (número de distritos da cidade), formadas por assistente social, psicólogos, psiquiatras e terapeutas ocupacionais, que tinham por direção o trabalho itinerante, a atenção aos casos moderados em saúde mental e a vinculação do trabalho com as Equipes de Saúde da Família (ESF).

Em 2022, após um ano do trabalho iniciado, há uma recomposição do quadro de gestão. Já havia a figura da supervisão clínico-institucional, mas até então não havia uma coordenação estabelecida. Com a chegada da figura da gerência (que sai do quadro inicial de profissionais da assistência da EMAPS), torna-se favorável e necessário que as quatro equipes, que eram divididas por área territorial, pudessem praticar e exercer o encontro.

Enquanto equipe gestora (gerência e supervisão clínico-institucional) avaliou-se as muitas diferenças entre as equipes. Havia diferenças importantes que falavam sobre os territórios da cidade, dos manejos e arranjos possíveis construídos por cada equipe, da trajetória formativa dos profissionais, entre outros determinantes do trabalho. Desejou-se então, que no encontro as diferenças pudessem ser partilhadas, aproveitadas e potencializadas com a excelência do desenvolvimento da pluralidade, na inovação das práticas no campo da atenção psicossocial. Assim, o grande objetivo para este espaço de encontro foi o de formar

uma identidade para o dispositivo EMAPS, com o amadurecimento teórico e prático dos profissionais a partir do encontro entre eles.

O Seminário passou a ser o momento de articulação das práticas desenvolvidas em cada parte da cidade, de encontros afetivos entre as equipes e de elaboração de uma identidade para o dispositivo EMAPS. O próprio formato do Seminário partiu do encontro. Inicialmente chamamos os técnicos para um Encontro, após um ciclo de 6 meses de gestão. Esse Encontro (com E maiúsculo, porque foi a caracterização de atividade conferida à época) tinha a intenção de construir a avaliação, o balanço das atividades realizadas no semestre e de realizar o planejamento para o próximo ciclo. Iniciamos com a apresentação dos participantes, que foi fundamental para as pessoas ali pudessem conhecer as trajetórias e as particularidades do grupo. Seguimos com a devolução sobre o trabalho, a partir dos dados produzidos pelas quatro equipes, que foi importante para dimensionar a ação das equipes e valorizar a importância do registro. Mas foi no momento de falarem sobre o que foi o trabalho até esse período, que nos encontramos com a necessidade coletiva de produção de uma melhor sistematização sobre os desafios identificados.

Os técnicos trouxeram casos, reflexões, dividiram suas referências teóricas e suas dificuldades em lidar com a atenção primária e com os territórios. Saímos desse Encontro planejando os Seminários, que serviriam para alinhar os conceitos, apresentar informações qualitativas e quantitativas, para reposicionar o trabalho na lógica da atenção psicossocial e para registrar o trabalho na cidade e, também, fomentar a divulgação desses registros em congressos, seminários, fóruns e encontros locais, regionais e nacionais.

O formato de Seminário passou a ser planejado por semestre. De lá para cá foram realizadas quatro edições que serviram muito à gestão e à supervisão das equipes, pois a direção do processo de trabalho e das conduções dos profissionais passaram a ser construídas coletivamente.

Em dois anos os desafios para sustentar esse espaço foram múltiplos. Certamente o principal tem relação com as frequentes saídas e entradas de profissionais. A vinculação trabalhista dos profissionais atuantes nas equipes se dá

via Organização Social (OS). Não temos problemas de pagamentos e de vencimentos. O município remunera adequadamente e a OS realiza uma gestão bastante comprometida com o trabalho no SUS. No entanto, o vínculo com uma OS, por melhor que ela seja, é instável e deflagra fluxos intensos de profissionais o que é muito prejudicial para a continuidade e desenvolvimento do trabalho.

Outro desafio, para a realização dos seminários, era estabelecer um dia em que todos os técnicos estivessem no município (cargas horárias e escalas de trabalho diferentes entre os profissionais e as quatro equipes). Com um planejamento bem anterior foi possível contornar o desafio da presença massiva dos técnicos. A divulgação da data era feita entre equipe e compartilhada com a gestão da OS e da RAPS, bem como com as gerências das Unidades de Saúde da Família, para justificativa da ausência do dia e para os devidos tratamentos da presença dos profissionais no trabalho, isto porque este espaço configurou-se como uma parte do trabalho. Inclusive a preparação para ele precisava acontecer em horário de trabalho.

A organização do espaço para a realização do Seminário também se caracteriza como um desafio. A intenção nunca foi fazer em um espaço formal como auditórios, salas de aula ou coisa do gênero. A proposta era oferecer um espaço de trabalho, fora do trabalho, para gerar efeito no trabalho. A construção desse espaço foi iniciativa exclusiva da gerência e supervisão, que arcaram com esse espaço mais afetivo. Um espaço afetivo não fala só sobre os laços e relação, fala sobre a possibilidade de afetação do trabalhador com a discussão proposta.

Nessa avaliação, consideramos que alcançamos o objetivo. A EMAPS passou a ter uma identidade robusta e afinada com o trabalho da RAPS. Discutimos o território nos seus nós, a clínica feita por muitos (o trabalho multidisciplinar), o acesso a cidade e o trabalho intersetorial e por fim avaliamos os (e) Feitos das EMAPS: em nós, entre nós e nos outros. Durante esses encontros, convidamos representantes dos Centros de Atenção Psicossocial para a conversa, ouvimos um pesquisador dar retornos sobre sua pesquisa, que teve como tema central o trabalho das EMAPS, trouxemos um geógrafo para discutir o que é a cidade e o

direito a estar nela e também a atenção primária para dizer como a afetamos durante o período do trabalho da EMAPS.

O Seminário construiu teias importantes para o desenvolvimento da atenção psicossocial com esses trabalhadores, que não estavam nem lá (CAPS), nem cá (Atenção Primária). Pares de trabalhos foram enviados para espaços de socialização de experiências e isso reverbera na rede.

Enquanto gestão, passamos a observar nas quatro equipes um sintoma identitário. Passou a ser comum que as equipes trouxessem para as reuniões de supervisão assuntos e abordagens similares, mesmo uma equipe não estando conectada a outra no cotidiano. Percebemos que o Seminário formou um dispositivo, com direção de trabalho delineada e com a possibilidade inventiva e criativa sobre o trabalho.

Apesar de ser um Seminário Interno, vimos registrando o interesse de colegas de trabalho estarem presentes e partilhar do que é produzido neste espaço. Não é possível precisar da onde parte esse interesse, mas certamente o efeito desse espaço nos técnicos da EMAPS reverbera e contagia os demais.

A EMAPS acabou justamente no último Seminário que realizamos. O espaço que formou uma equipe, foi o espaço de finalização dela. Não há mais possibilidade de financiamento e reconhecimento desse dispositivo pelo Ministério da Saúde. Estamos neste momento organizando os profissionais no formato “eMulti”, que é a aposta nacional para as equipes multiprofissionais no SUS. A eMulti passa a ocupar e compor a Atenção Primária de Maricá, e será formada também por profissionais que eram da EMAPS.

Finalizamos o último Seminário com a certeza de que o lugar “nem lá, nem cá” viabilizou a sedimentação da atenção psicossocial na atenção primária. Os técnicos da EMAPS já estavam “cá”, já tinham amarrados seus nós nas Unidades de Saúde da Família. Agora seguem com a experiência de quem já esteve “lá”, pegando direto da fonte, o que o paradigma da atenção psicossocial forjou de herança para o SUS e para o desenvolvimento da saúde neste país.

Enquanto gestão ficamos com o que deu certo. O Seminário vai precisar crescer, mas precisa ser um espaço de criação de afetações, precisa de periodicidade e de organização como parte constituinte do trabalho, que forma, reforma e constrói feitos, efeitos, afetos e acesso. Acesso ao SUS, acesso à saúde!